

A Arte Musical por uma Escola mais Diversa: um relato de experiência do PIBID

Comunicação

*Nicolly Barreto Melo
Universidade de Brasília
nicollybm1@gmail.com*

*Flávia Motoyama Narita
Universidade de Brasília
flavnarita@unb.br*

Resumo: Esse artigo é um relato de experiência ocorrida em uma escola participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID - no período da segunda metade do ano de 2018 até o fim do ano de 2019. O objetivo deste texto é relatar o trabalho pedagógico-musical com algumas obras de uma prova que os alunos fazem ao final do ano escolar para ingresso na Universidade. Utilizando uma metodologia dialógica que buscou incluir diversas vozes nos debates e nas atividades, diagnosticamos e valorizamos alguns dos saberes que as estudantes trazem para a sala de aula. Além disso, aponto como um dos resultados que essas obras trazem à comunidade escolar a ampliação de repertório de arte/música e o respeito à diversidade. Conto vivências na sala de aula e trago uma reflexão sobre a docência e sobre a escola da atualidade, concluindo que precisamos agir frente demanda de uma juventude escolar diversa.

Palavras-chave: formação docente em arte/música, respeito à diversidade, juventude escolar.

1- Introdução

Este texto apresenta reflexões sobre práticas pedagógico-musicais desenvolvidas durante minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID. Essas reflexões incluem as obras de um processo seriado para ingresso à universidade (Programa de Avaliação Seriado- PAS) e a sua repercussão na escola, nas alunas¹ e na minha formação. No PIBID, nós discentes de diversas áreas da licenciatura que estão cursando a primeira metade da graduação, em um período de 18 meses, tivemos contato com a

¹ A fim de não reforçar a dominância do gênero masculino na língua portuguesa, irei variar o gênero quando me referir aos/às alunos/as.

docência. O PIBID foi dividido em núcleos e eu estava inserida no núcleo Arte e Pedagogia, pelo curso de licenciatura em Música. Tivemos a oportunidade de vivenciar a escola, entender seu funcionamento e conhecer mais de perto a rotina escolar, a profissão de professora e aquela comunidade de alunos.

Até março de 2018 qualquer estudante de licenciatura podia participar do PIBID não importando o semestre em que o licenciando estivesse. Com a portaria GAB nº 45 (BRASIL, CAPES, 2018), o PIBID foi estabelecido para primeira metade do curso e foi criada a Residência Pedagógica para contemplar os licenciandos da segunda metade. Com essas mudanças o grupo fica mais homogêneo em relação a conhecimentos sobre os cursos, porém diminui a característica de uma turma que compartilha experiências e saberes na perspectiva de diferentes fases do curso.

Minha experiência aconteceu no Centro de Ensino Médio Paulo Freire na disciplina de Arte onde acompanhei, na maior parte do tempo, estudantes de primeiros e segundos anos do Ensino Médio. Visto que as alunas faziam a prova do PAS no final do ano, nós pibidianos, licenciandos atuantes no PIBID, recebemos a missão de estudar obras de música, artes visuais, artes cênicas e audiovisual que estariam nessa prova e de levá-las para sala de aula. Essa prova é descrita com mais detalhes na seção seguinte.

Esse artigo possui três seções além da introdução e considerações finais. Na primeira explico a prova do PAS e discuto algumas temáticas presentes nela. Esta prova requer uma formação diversa que concorda com a pluralidade de vivências desses estudantes. Na segunda seção relato experiências de aulas sobre duas obras apresentando informações sobre elas. Na última seção conto uma experiência que tive no PIBID que foi diferente por ser fora do ambiente de sala de aula convencional: a criação de um clube. Finalmente, nas considerações finais, trago uma reflexão sobre a polivalência na Arte.

2- Múltiplas temáticas para uma juventude diversa

Juntamente com o vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, a Universidade de Brasília também tem como prova de ingresso o Programa de Avaliação Seriada - PAS - que acontece no final de cada ano escolar do Ensino Médio, totalizando três provas. O conteúdo de cada prova corresponde ao currículo de cada série finalizada e

da(s) anterior(es) com pontuação cumulativa. Além de conteúdos de conhecimento geral, também estão na prova, obras pré-determinadas das áreas de música, artes cênicas, artes visuais, audiovisual e texto.

O modelo atual de prova leva em conta os conhecimentos, mas também competências e habilidades para fugir da memorização de conteúdos. As orientações específicas para o exame de cada série são apresentadas em uma matriz de referência com doze habilidades e cinco competências que se resumem em 10 objetos de conhecimento. Esses objetos são apresentados em temas contextualizados para trabalhar a interdisciplinaridade entre as obras e os conteúdos. A música sempre esteve presente no PAS, mas não era obrigatória; os candidatos escolhiam apenas uma das linguagens artísticas para responder. A partir de 2006, as três linguagens abordadas na prova, música, artes cênicas e artes visuais, tornam-se obrigatórias (AZEVEDO, 2012, p.111).

No Ensino Médio é preciso “adotar uma noção ampliada e plural de juventude, entendida como diversa, dinâmica e participante ativa do processo de formação que deve garantir sua inserção autônoma e crítica no mundo” (BRASIL, BNCC, 2018, p.463). Não se pode tomar a juventude como homogênea, temos alunos com histórias e objetivos de vida diferentes. Para acolher as juventudes, as escolas devem proporcionar experiências e processos intencionais que lhes garantam as aprendizagens necessárias e promover situações nas quais o respeito à pessoa humana e aos seus direitos sejam permanentes (BRASIL, BNCC, 2018, p.463). Os assuntos presentes nas obras precisam vir à tona na escola, pois enfatizam o respeito às diferenças que existem entre as pessoas, suas crenças, costumes e formas de se expressar. O debate em sala de aula precisa envolver o respeito para auxiliar no combate a algo tão atual e presente em nossa sociedade que é o preconceito às diferenças.

Bia Ferreira em sua música *Cota não é esmola* traz uma discussão sobre raça, injustiça social e preconceito, defendendo que cota não é esmola.

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades...
...E nem venha me dizer que isso é vitimismo...
...são nações escravizadas e culturas assassinadas...
...Existe muita coisa que não te disseram na escola

Cota não é esmola (FERREIRA, 2017)

As discussões sociais são suscitadas na música a partir da história de uma menina negra com sua jornada diária de cuidar dos irmãos mais novos, limpar a casa, ir andando para escola. A escola é longe, a menina chega atrasada e sente cansaço durante a aula. Além disso, sofre humilhação todos os dias, tem dificuldades financeiras e ainda escuta da professora “que todos são iguais e que cota é esmola”! Na música, Bia Ferreira afirma que as oportunidades não são as mesmas. Na aula do PIBID refletimos sobre a falta de políticas públicas para acolher grupos socialmente vulneráveis e grupos com os quais temos uma dívida histórica por conta da escravidão. Essa escravidão que é estudada na visão dos colonizadores fortifica uma história única, contada do ponto de vista do opressor sem levar em conta o outro lado da narrativa, como Chimamanda Ngozi diz na obra audiovisual *TEDx Talk O Perigo da História Única. Segundo Veloso (2018, s.p.)*, “As políticas de cotas trazem justiça para um grupo que por muito tempo não teve espaço nessas instituições”. Tendo a música da Bia Ferreira para estudo nas escolas que fazem a prova, temos a oportunidade de dizer nessas escolas que *Cota não é esmola*.

Na música *Maria da Vila Matilde*, a cantora Elza Soares se coloca em posição de resistência na luta da violência contra a mulher, alertando que “Cê vai se arrepender se levantar a mão pra mim”. A violência contra mulher só cresce no Brasil. Em média 13 mulheres sofrem feminicídio por dia e em 2017, “66% de todas as mulheres vítimas de assassinatos eram negras” (KADANUS, 2019, s.p.). As mulheres pretas e pardas estão em maior desvantagem.

[E]nquanto as mulheres brancas vivenciam esse tipo de violência com base na sua condição de gênero, as mulheres pretas e pardas a vivenciam também pela sua condição de raça, na medida em que os insultos, ofensas e agressões que recebem adquirem sentido também a partir de seus traços diacríticos, que as remetem a um longo processo de opressão iniciado com a escravidão e à sua objetificação constante (ALMEIDA; PEREIRA, 2012, p.56).

No audiovisual *TEDx Talk Precisamos romper com os Silêncios*, Djamila Ribeiro (2017) trata de questões como o “direito à voz em uma sociedade que se silencia frente às desigualdades”. Ela se aprofunda nas desigualdades de raça e gênero, questionando o

que é ser uma mulher negra e exemplificando quantas vezes ela foi silenciada. Ribeiro (2017) defende que “romper com o silêncio é romper com a violência”. Se toda mulher quebra o silêncio e denuncia, ela se empodera e previne que a violência se desenvolva. Como Elza Soares diz: “Cadê meu celular? Eu vou ligar prum oito zero; Vou entregar teu nome e explicar meu endereço”.

A relação que as obras podem ter entre si e entre assuntos diversos traz a possibilidade de aulas interdisciplinares na escola. As obras indicam repertório, trazem conhecimento, criam mais oportunidades de vivenciar arte, possibilidade de análise crítica e uma dinâmica diferente na sala de aula.

Na sua origem em Latim, a palavra “respeito” significa “olhar outra vez”, ou seja dar mais atenção. Ao conhecer assuntos como patrimônio imaterial, cultura, tradições, comunidade LGBTQIA+², gênero, raça e lugar de fala, que são tratados nos objetos de conhecimento, podemos aumentar o respeito na escola. Citarei e detalharei a seguir apenas algumas obras de primeiros e segundos anos que o meu grupo do PIBID desenvolveu na escola, mas todas têm potencial para serem analisadas e discutidas, além de poderem ser trabalhadas interdisciplinarmente.

3- As obras em ação

Nesta seção discorrerei sobre duas das obras que pude trabalhar na escola, *O Boi do Seu Teodoro* e o *TEDx Talk Precisamos Romper com os Silêncios* da Djamilia Ribeiro. Também relatarei como foi a minha experiência na sala de aula e sua contribuição para minha formação.

Boi do Seu Teodoro

² LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais e outras possibilidades (+) .

Pude colaborar nas aulas de algumas obras como a do *Boi do Seu Teodoro*. O plano de aula com duração de 90 minutos foi feito em conjunto com mais três colegas do PIBID, uma cursa Artes Visuais e as outras duas cursam Pedagogia. Nossa aula foi um debate com elementos expositivos. A diversidade de cursos foi importante pois propiciou uma experiência interdisciplinar para os alunos e também para nós pibidianas. Pude contribuir com aspectos musicais como o padrão rítmico, minha colega das Artes Visuais colaborou com o estudo dos figurinos dos personagens e da confecção do boi, e as colegas da Pedagogia ficaram encarregadas de trazer um pouco do folclore brasileiro. Assim, cada uma ficou em sua área específica, aprendeu com as outras e os alunos tiveram acesso a essa diversidade de conhecimentos.

O *Boi do Seu Teodoro* é uma tradição popular, folclórica e brasileira hoje considerada, pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, como Patrimônio Imaterial. Seu Teodoro, natural do Maranhão, ao se mudar para o Rio de Janeiro, não encontrou nenhuma manifestação de Bumba-meu-boi que era muito presente na sua cidade natal. Então ele decide criar um grupo em sua nova cidade carioca.

Seu Teodoro é chamado a Brasília no primeiro aniversário da capital em 1961 para brincar com o Boi. Os participantes da manifestação cultural assumem o cantar, o dançar, o interpretar e a comemoração que acontecem nessa tradição como uma brincadeira, por isso o “brincar com o Boi”. Neste mesmo ano, ele é chamado para morar em Brasília. Seu Teodoro fundou a Sociedade Brasileira do Folclore que, em 1972 se torna o Centro de Tradições Populares em Sobradinho- DF, cidade satélite de Brasília (SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA, 2017). O *Boi do Seu Teodoro* é uma obra que dá espaço e relevância a culturas existentes fora de eixos culturais mais conhecidos.

A manifestação é formada por um grupo em que cada pessoa tem seu papel e suas tarefas específicas a serem desempenhadas. Os personagens da história do *Boi do Seu Teodoro* são: o Boi, a Mãe Catirina, o Pai Francisco, o fazendeiro, os vaqueiros, as índias e o Cazumbá. A história pode ser contada de várias formas dependendo da região. Essa é uma das versões:

Mãe Catirina e Pai Francisco são um casal de negros trabalhadores de uma fazenda. Quando Mãe Catirina fica grávida, ela tem desejo de comer a língua de um boi. Empenhado em satisfazer a vontade de Catirina, Chico mata um dos bois do

rebanho, que, no entanto, era um dos preferidos do fazendeiro. Ao notar a falta do boi, o fazendeiro pede para que todos os empregados saiam em busca dele. Eles encontram o boi quase morto, mas com a ajuda de um curandeiro ele se recupera. Noutras versões, o boi já está morto e com o auxílio de um pajé, ele ressuscita (DIANA, 2019).

O *Boi do Seu Teodoro* é uma manifestação cultural que engloba dança, música e teatro de forma associada e dependente. Fazer um trabalho artístico no qual nenhuma área se sobrepõe é a configuração ideal da interdisciplinaridade. Tendo pibidianas para inserir sua área de estudo no trabalho, conseguimos fazer uma aula interdisciplinar de uma obra interdisciplinar.

Na aula perguntamos aos alunos exemplos de outras manifestações populares e conversamos sobre o tema folclore e tradições. Algumas alunas lembraram da tradição do Boi Caprichoso e do Boi Garantido que acontece no Festival Folclórico de Parintins - AM. Essas manifestações não eram conhecidas por todos, mas quando explicadas instigavam novos conhecimentos e com isso o preconceito era minimizado e o respeito a tradições que não estão presentes em seus cotidianos aumentava.

Tive a oportunidade de dar a aula do *Boi do Seu Teodoro* muitas vezes e durante o processo consegui assistir ao Batizado do Boi no Centro de Tradições Populares. Havia uma grande diferença de uma turma para outra em que eu dava a mesma aula. Pesquisar e estudar sobre essa tradição é muito diferente de poder vivenciá-la. Pude ter uma nova visão e até consegui informações adicionais, como conhecer as músicas que são tocadas, escutar e ver a instrumentação durante a manifestação cultural. Além disso, pude visitar o museu que foi montado no Centro de Tradições Populares onde estavam expostos bois confeccionados nos anos anteriores, roupas dos personagens, jornais e reportagens antigos com matérias sobre o *Boi do Seu Teodoro* e sua história.

Nas repetições dessa aula para outras turmas consegui ter um domínio maior do conteúdo, já que o revisitava todas as vezes. Também aprimorei estratégias de como lidar com o assunto. Segundo Tardif (2000),

os conhecimentos profissionais exigem sempre uma parcela de improvisação e de adaptação a situações novas e únicas que exigem do profissional reflexão e discernimento para que possa não só compreender o problema como também organizar e esclarecer os objetivos almejados e os

meios a serem usados para atingi-los (TARDIF, 2000, p.7).

Dar a aula do *Boi do Seu Teodoro* várias vezes foi muito bom, a cada nova turma eu tive a chance de refletir e mudar as formas de lidar com aquele planejamento e com as estudantes. Também pude me adaptar à demanda e especificidades de cada turma já que criei mais autonomia em sala de aula e sobre o conteúdo.

Precisamos Romper com os Silêncios

A aula usando o audiovisual *Precisamos Romper com os Silêncios* da Djamila Ribeiro (2017) teve seu planejamento feito em dupla com um colega do PIBID também do curso de música. Nossa aula fugiu do expositivo e buscava um debate em que todos tinham a oportunidade de falar para estar de acordo com o conteúdo do vídeo. A obra é em forma de palestra da Djamila Ribeiro no evento *TEDx São Paulo*. A autora fala sobre o rompimento dos silêncios impostos a mulheres, negros, mulheres negras e outras minorias. Também denuncia a falta de representatividade desses grupos. É uma obra muito rica que traz o tema: lugar de fala e crítica à fala hierarquizada. Ribeiro (2017) na palestra afirma que: “A pluralidade de vozes faz a sociedade rica, criativa e humana”. No debate em sala, houve algumas relatando problemas com seus colegas de turma relacionados à voz que lhes foi tirada no dia a dia escolar e como se sentiram desrespeitadas. A obra e a aula trouxeram à tona esse tema que se desenrolou em uma conversa construtiva, provocadora e com potencial de melhor convivência em turma.

Silêncios impostos às mulheres são bastante comuns na vida dessas adolescentes. Presenciei alguns exemplos dentro da escola, como em uma atividade que era feita em trios na aula de Arte. Cada um do trio contava uma história já combinada com o grupo e os demais alunos tinham que adivinhar quais eram verdade e qual era a história inventada. No momento de apresentação de um grupo composto por dois garotos e uma garota, os meninos contaram as três histórias. Quando a professora perguntou para aluna se ela participou da elaboração da tarefa, ela disse que sim. A professora perguntou o porquê da aluna não ter contado uma das histórias. Então, um dos seus colegas disse que ela estava ali só de “enfeite”.

A desvalorização da força intelectual de uma mulher começa cedo. Tomar consciência de que não deve ser silenciada ajuda a ter conhecimento de que seus discursos são importantes e que sua fala é mais uma das “várias possibilidades de existência” (RIBEIRO, 2017) e não deveria ser calada. “O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela ‘imersão’ em que se acham na realidade opressora” (FREIRE, 1987, p.21). Ou seja, as silenciadas normalizam e muitas vezes nem percebem a situação que estão inseridas. A obra é uma ferramenta de conscientização para as oprimidas e com isso dá oportunidade para que ajam em favor de uma mudança. Essa discussão ajuda tanto o oprimido quanto o opressor. Quando o silenciador aprende que pluralidade de vozes é igual a humanidade, tem conhecimento para poder agir abrangendo todas as possibilidades de existência.

4- Mais Música na Escola

Na experiência de escola que tive durante o PIBID, eu e mais um pibidiano do curso de Música criamos o clube de música que chamamos de Musiclube. Primeiramente fizemos uma chamada colocando cartazes pela escola e passando pelas salas convidando as estudantes. Começamos as atividades com três alunas e mais dois entraram no decorrer do semestre. O clube era uma atividade extracurricular e não durou muito tempo porque foi iniciado no último semestre do edital do PIBID. As atividades aconteciam no período inverso ao das aulas das turmas que acompanhamos e nos encontrávamos uma vez por semana. Em nossos encontros conseguimos trabalhar de acordo com as demandas individuais e como grupo. Todas as alunas tinham interesse em cantar, e três em cantar e tocar principalmente violão, mas também tamborim e ukulele. Durante os encontros, fazíamos aquecimento e exercícios vocais, mostramos os padrões rítmicos tocados no tamborim, e demos auxílio na aprendizagem de instrumentos de corda já que alunas que estavam interessadas já tinham conhecimentos prévios.

No Musiclube trabalhamos aspectos técnicos mas também buscamos a prática. Perguntando às alunas qual o repertório de interesse chegamos em algumas músicas a serem trabalhadas. A música que mais estudamos e ensaiamos foi *Marchinha Fúnebre*,

de Rodrigo Alarcon, que foi sugerida por uma das estudantes. Conseguimos produzir um áudio gravado e editado com a ajuda de uma colega pibidiana e o resultado foi muito satisfatório tanto para nós pibidianos quanto para as alunas que participaram e puderam escutar o seu fazer musical em uma gravação semi-profissional.

Escutar, assistir, ver e ler as obras são atividades interessantes necessárias, mas vivenciá-las é uma experiência muito mais enriquecedora. Uma sugestão é que os alunos e alunas possam reproduzir algumas obras como músicas, peças de teatro, curta-metragens e saraus com a orientação de um professor. Algumas obras podem ser vistas ao vivo dependendo da localização da estudante ou aproveitar das visitas virtuais diante do contexto de distanciamento social imposto durante a pandemia da Covid-19.

5-Considerações finais

Djamila Ribeiro cita em sua obra *Precisamos Romper com os Silêncios* vários silenciamentos que acontecem com as minorias. Percebi que existe um silenciamento presente na escola quando algumas matérias são consideradas mais importantes que outras. Um exemplo é o silenciamento da música. Na disciplina de Arte, o professor deve trabalhar com linguagens artísticas que são referentes a cursos diferentes na graduação, que são Artes Visuais, Dança, Teatro e Música. O professor, na maioria das vezes, é formado em apenas uma dessas linguagens artísticas e precisa contemplar as outras, isso é o que chamamos de polivalência. De acordo com o a lei nº 13.278 de 2 de maio de 2016 (BRASIL, 2016), “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular”. A lei reconhece a especificidade de cada área artística mas a polivalência ainda acontece. Segundo Ortiz e Azevedo (2019, p.9),

as secretarias de educação, lamentavelmente, ainda lançam editais de concurso para professor de arte sem definir a especificidade das quatro linguagens artísticas contribuindo para a continuidade da ambiguidade de atuação profissional no ensino da música, bem como nas demais linguagens artísticas (ORTIZ; AZEVEDO, 2019, p.9).

Na experiência do PIBID, a professora de Arte da escola é formada em Artes Cênicas.

Desde o começo, ela gostou de também ter pibidianos de Artes Visuais, de Música e de Pedagogia para acrescentar nas aulas o que tinham de bagagem de seus cursos. Como estudante de licenciatura, experienciei o funcionamento daquela escola e adquiri estratégias para lidar com esse ensino polivalente. Precisamos lutar para que isso mude, mas também acho importante saber lidar com a realidade que hoje temos. Como licencianda de Música senti falta de ter uma referência de professor de música dentro da escola. Com isso, poderia ter exemplos da prática da música na sala de aula, prevenir o silenciamento da música e conhecer as estratégias usadas. O Musiclube foi uma prática extra sala de aula que pôde trazer uma vivência de música na escola mesmo que apenas para as alunas interessadas e com disponibilidade para participar.

Essa vivência que tive parece que será modificada no Distrito Federal. Em junho de 2020 a Portaria 143 entra em vigor: “Art. 2º A Música deverá ser ofertada aos estudantes da educação básica por professores licenciados e com habilitação em Música ou, professores pedagogos, em consonância com o Currículo em Movimento do Distrito Federal.” Essa portaria representa um avanço na luta para termos professores com formação específica na área de música. Com isso, a música poderá ganhar mais espaço nas escolas, os alunos poderão ter mais oportunidades de vivências artísticas e a música talvez deixará de ser silenciada.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. TEDGlobal: O perigo da História Única, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt#t-502400. Acesso em 27 de julho. 2020.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Violência doméstica e familiar contra mulheres negras no Brasil: reflexões pela ótica dos estudos feministas latino-americanos. *Crítica e Sociedade: revista de cultura e Política*, Uberlândia- MG, v.2, p. 42-63, 2012.

AZEVEDO, Maria Cristina de Carvalho Cascelli de. Música em PAS: A música como objeto de avaliação do Programa de Avaliação Seriada da Universidade de Brasília (PAS/UnB). *Educação*, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 107-122, 2012.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a Base. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192 . Acesso em 9 de julho. 2020.

BRASIL CAPES. Portaria GAB nº 45, de 12 de março de 2018, 2018. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/16032018_Portaria_45_Regulamento_PIBID_e_Residencia_Pedagogica_SITE.pdf. Acesso em: 8 de julho.2020.

BRASIL. LEI Nº 13.278, DE 2 DE MAIO DE 2016, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm . Acesso em: 14 de julho. 2020.

Cultura Tradicional Boi do seu Teodoro. Encontroteca. Disponível em: <https://www.encontroteca.com.br/grupo/boi-do-seu-teodoro> . Acesso em 16 de janeiro. 2020

DIANA, Daniela. Bumba Meu Boi, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/bumba-meu-boi/>. Acesso em: 30 de julho. 2020.

DISTRITO FEDERAL. Portaria Nº 143, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre o ensino regular de música aos estudantes da educação básica da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, 2020. Disponível em: http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/bbb840d71b8d40529cc632e877326522/Portaria_143_16_06_2020.html. Acesso em: 4 de agosto.2020.

FERREIRA, Bia. Sofar Latin America: Cota Não é Esmola | Sofar Curitiba, Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>. Acesso em: 22 de julho. 2020.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

Garantido e Caprichoso: Saiba a Origem da Disputa que Encanta no Festival de Parintins, 2016. Disponível em: <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/garantido-e-caprichoso-saiba-a-origem-da-disputa-que-encanta-no-festival-de-parintins/>. Acesso em 13 de julho. 2020.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Festa do Divino Espírito Santo - Goiás. Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI/IPHAN). Brasília, 2017. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/dossie17_pirenopolis.pdf. Acesso em: 12 de julho. 2020.

KADANUS, Kelli. Assassinato de mulheres cresce 30% em dez anos; país tem média de 13 mortes por dia, 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/assassinato-de-mulheres-feminicidio-brasil/>. Acesso em 20 de julho. 2020.

ORTIZ, Anni Marisi Ribeiro; AZEVEDO, Maria Cristina de Carvalho Cascelli de. A prática docente dos professores licenciados em música de Várzea Grande no contexto polivalente. In: XXIX Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2019, Pelotas. *Anais*. Pelotas/RS: ANPPOM, 2019. p.1-10.

RIBEIRO, Djamila. *TEDx Talks: Precisamos romper com os silêncios*. TEDxSaopauloSalon, Youtube, 2017. Disponível em: <youtu.be/6JEdZQUmdbc>. Acesso em 19 de janeiro. 2020.

Secretaria Especial da Cultura: Legado do Bumba-Meu-Boi em Brasília, Youtube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uCFm7arl8gs>. Acesso em: 13 de julho. 2020.

SOARES, Elza. Circus: Maria da Vila Matilde, Youtube, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-09qfhVdzz8>. Acesso em: 23 de julho. 2020.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 13. p.5-24, 2000.

VELOSO, Serena. Aprovação das cotas raciais na UnB completa 15 anos. 2018. Disponível em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/2319-aprovacao-das-cotas-raciais-na-unb-completa-15-anos>. Acesso em 22 de julho. 2020.